



Centro Universitário de Brasília – UNICEUB
Faculdade de Ciências Jurídicas e Ciências Sociais – FAJS
Departamento de Relações Internacionais

PATRÍCIA SANTANA COSTA GOMES

**A UTILIZAÇÃO DO SENTIMENTO NACIONALISTA DE KATYN
PARA A TENTATIVA DE REGRESSO AO PODER DE JAROSLAW
KACZYNSKI**

BRASÍLIA – DF

2011

PATRÍCIA SANTANA COSTA GOMES

**A UTILIZAÇÃO DO SENTIMENTO NACIONALISTA DE KATYN
PARA A TENTATIVA DE REGRESSO AO PODER DE JAROSLAW
KACZYNSKI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Delmo Arguelhes.

BRASÍLIA – DF

2011

PATRÍCIA SANTANA COSTA GOMES

**A UTILIZAÇÃO DO SENTIMENTO NACIONALISTA DE KATYN
PARA A TENTATIVA DE REGRESSO AO PODER DE JAROSLAW
KACZYNSKI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Delmo Arguelhes.

Brasília, xxxx de 2011.

Profª Delmo Arguelhes

(Orientador)

Prof. Karim Marini Thomé

(Examinador)

Prof. Claudio Tadeu Cardoso

(Examinador)

*“Poland is not yet lost, while we live we will fight
with swords for all that our enemies had taken from
us.”*

Hino Nacional da Polônia

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que me proporcionaram tudo para eu chegar até aqui. Eles são os motivadores para todas as conquistas da minha vida. Sem eles, eu nunca teria chegado onde cheguei.

Aos meus irmãos, que sempre estiveram do meu lado, apesar das longas distâncias.

À minha avó, que sempre esteve ao meu lado durante toda a graduação.

À cada pessoa que encontrei durante minha vida em várias partes do mundo. Cada um de vocês fizeram parte da minha história, do meu aprendizado e do meu crescimento. Agradecimentos especiais aos amigos e companheiros da Thunder Corp, Isabela Mota, Juliana Dib, Juliana Silva, Gabriel Alves e tantos outros que não poderei citar por falta de espaço. Aos meus amigos poloneses que sempre estiveram dispostos a me ensinar e que são as reais influências para o tema dessa monografia.

Às pessoas com as quais eu tive o imenso prazer de trabalhar. Aos coordenadores e consultores da Apex-Brasil, aos membros da AIESEC e funcionários da Ozzy Study. Não tenho palavras para agradecer todo o carinho, a excelente experiência e o aprendizado que vocês me proporcionaram todos os dias.

Aos professores do UniCeub e, especialmente, ao meu orientador, que, durante esses anos, dedicaram-se a transmitir seus conhecimentos com bastante entusiasmo.

RESUMO

Analisar-se-á, nesta monografia, o fator *Katyn* na tentativa de regresso ao poder do ex-Primeiro-Ministro polonês, Jaroslaw Kaczynski, nas eleições presidenciais de 2010 e na eleição de Primeiro-Ministro, prevista para acontecer em outubro de 2011, ou seja, em que medida o sentimento *Katyn* foi e continua sendo importante para a sociedade polonesa, tendo em vista que atinge não somente as questões políticas, mas também, sociais e religiosas. O presente trabalho apresenta uma tentativa de melhor entender a história da Polônia a partir de 1918, ano em que a nação renasce no mapa europeu até os dias de hoje. Os principais momentos históricos da Polônia em conjunto ao papel dos mais importantes participantes de cada esfera serão analisados. A importância do filme *Katyn*, do diretor Andrzej Wajda, será demonstrada, uma vez que o filme despertou tanto a sociedade polonesa quanto o seu Governo na busca por esclarecimentos acerca dos diversos crimes cometidos nessa região.

Palavras-chave: Polônia, Massacre de *Katyn*, Jaroslaw Kaczynski, Lech Kaczynski

ABSTRACT

This project will analyze the Katyn factor used by the former Prime Minister Jaroslaw Kaczynski in attempt to return to power in the 2010 presidential elections and in the prime minister elections set to take place in October 2011. In other words, to what extent has the Katyn sentiment been important for Polish society, keeping in mind that it affects not only political issue but also social and religious aspects. This paper also covers Polish History dating from 1918, year which Poland became part of Europe again until de present day. The main historical moments of Poland together with the role of the most important participants from every sphere will be analyzed. The importance of the Katy movie directed by Andrzej Wajda will be cover once the movie is responsible for the awakening of Polish society and its government in the attempt to clarify the crime.

Key Words: Poland, Katyn Massacre, Jaroslaw Kaczynski, Lech Kaczynski

SUMÁRIO

Introdução	9
CAPÍTULO I	12
A HISTÓRIA DA POLÔNIA – DE 1914 ATÉ 2011	12
1.1 A formação e o renascimento da Polônia.....	12
1.2 Guerra Polaco-Soviética ao Regime Sanacja.....	14
1.3 Da supremacia nazista ao domínio soviético	16
1.4 A Polônia sob o poder comunista	19
1.5 Fim do comunismo e as eleições presidenciais.....	24
CAPITULO II	26
ANÁLISE DO FILME KATYN.....	26
2.1 Primeiras considerações.....	26
2.2 A narrativa do Filme	27
2.3 Análise crítica do Filme	32
CAPITULO III.....	38
A TENTATIVA DE VOLTA AO PODER DE JAROSLAW KACZYNSKI	38
3.1 Tradução do discurso não Proferido do ex-Presidente Lech Kaczynski.....	39
3.1.2 Análise do discurso de Lech Kaczynski	41
3.2 Tradução do discurso proferido por Jaroslaw Kaczynski	43
3.2.1 Análise do discurso de Jaroslaw Kaczynski	45
CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
ANEXO 1.....	51
ANEXO 2.....	52
ANEXO 3.....	53
ANEXO 4.....	54

INTRODUÇÃO

O acidente de avião que ceifou a vida do presidente polonês, Lech Kaczyński¹, dos principais comandantes das Forças Armadas, da cúpula do governo, de historiadores e de familiares dos prisioneiros mortos em Katyn, em 10 de Abril de 2010, teve impacto não somente na população polonesa como também no próprio governo polonês.

O avião que fazia o trajeto entre Varsóvia e Smolensk, cidade na qual se localiza a floresta de Katyn, palco de um dos maiores massacres da história do século XX, caiu próximo ao aeroporto da pequena cidade. O presidente, acompanhado da mulher e de demais membros de sua comitiva, estava a caminho da homenagem do septuagésimo aniversário do massacre praticado pela polícia secreta russa contra a elite intelectual e oficial que aconteceu em 1940.

Após o acidente, milhares de poloneses se reuniram para prestar homenagem às vítimas. Velas, flores e faixas foram colocadas em frente ao Palácio Presidencial de Varsóvia. Os tributos começaram na manhã do acidente e perpetuaram-se por diversos dias. Atualmente, o local é palco de vigílias, homenagens e também discussões acerca de diversos assuntos não relacionados ao acidente. Esse foi o mesmo local onde Jaroslaw Kaczynski proferiu diversos discursos durante a tentativa de retornar ao poder nas eleições presidenciais e além de ser também o local do discurso a ser analisado no Capítulo III.

Com o intuito de contextualizar os eventos ocorridos, é necessário esclarecer alguns aspectos concernentes à história da Polônia. Assim, esta será analisada no primeiro capítulo, que aborda o período entre 1918 e 2010. O país havia deixado de existir por cento e vinte três anos após sua divisão entre Alemanha, Prússia e Rússia. Por vários anos, a ‘Questão

¹ Ressalto que a grafia dos vocábulos poloneses foi adaptada para o uso do alfabeto nacional.

Polonesa', expressão dada ao ressurgimento da Polônia, estava ausente do cenário internacional. Com o final da Primeira Guerra Mundial, a Questão volta a ser pauta entre diversas nações e o país retorna, finalmente, ao mapa europeu (DAVIES 2001: 95).

Com a invasão, em 1939, por tropas nazistas e soviéticas, houve o início da Segunda Guerra Mundial. Durante todo esse período, a Polônia ficou ora sob o poder nazista e soviético, ora somente sob o jugo nazista e, por fim, submeteu-se às forças stalinistas do exercito vermelho.

Os resultados da guerra para a Polônia foram desastrosos. Grande parte da capital, Varsóvia, e outras cidades foram destruídas. Sob zona de ocupação alemã, as universidades foram fechadas. Os poloneses foram perseguidos e assassinados por ambos os invasores. O resultado foi 6 milhões de poloneses mortos, o que corresponde a uma baixa de 16% da população pós-guerra (DAVIES, 2001: 3-6).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e com a conferência de Ialta, a Polônia fica sob o regime comunista entre 1945 a 1989. Após diversas tentativas de se tornar uma democracia capitalista e com a queda do muro de Berlim, a Polônia finalmente conseguiu convocar eleições livres, graças também a influência da igreja católica. O líder do movimento da Solidariedade, Lech Walesa, ganha as eleições e se torna Presidente da República. A era do comunismo acaba e a Polônia volta a ser uma democracia livre (KEMP-WELCH, 2008: 1-7).

Apresentar-se-á no, segundo capítulo, a narrativa e a análise do filme *Katyn* (2007), dirigido por Andrzej Wajda, diretor polonês, conhecido por seus filmes voltados à identidade de seu país. O filme trouxe notoriedade ao assunto e foi a primeira vez que esse assunto foi abordado em uma produção cinematográfica. Ademais, possui um significado grandioso ao diretor, uma vez que seu pai foi morto durante o massacre de Katyn. Após três anos do lançamento do filme, a Polônia ficou ainda mais desestabilizada com o trágico

acidente de avião em 2010. O filme é usado como fonte de objeto historiográfico, segundo Marc Ferro (1993:14).

O terceiro capítulo consiste na análise de dois importantes discursos para a política polonesa. O primeiro foi proferido por Jaroslaw Kaczynski no aniversário de um ano do falecimento de seu irmão Lech Kaczynski, ex-presidente da Polônia, e o segundo a ser analisado é o discurso que o ex-presidente da Polônia iria proferir no septuagésimo aniversário do massacre.

CAPÍTULO I

A HISTÓRIA DA POLÔNIA – DE 1914 ATÉ 2011

1.1 A formação e o renascimento da Polônia

A formação do reino da Polônia aconteceu durante a Dinastia Piast, a qual se iniciou no século IX e perpetuou por mais 500 anos, conseguindo reunir as tribos eslavas espalhadas naquela região. No total, o reino da Polônia era formado por seis regiões: Wilkopolska, Malopolska, Kujawy, Mazovia, Silesia e Pomerania. Após cinco séculos, a Polônia teve ainda a Dinastia Jaguelônica e a Republica das duas nações, que durou até 1795 quando houve as 3 partições da Polônia: a primeira em 1772, a segunda em 1793 e a terceira em 1795 (DAVIES, 2001: 448-453).

Em 1795, o território polonês foi dividido em três países: Prússia, Áustria e Rússia. A população polonesa durante esse período era de 30 milhões e foi oprimida por diversas vezes na tentativa de acabar, principalmente, com a cultura e o idioma (DAVIES, 2001: 95). A ‘Questão Polonesa’, termo usado para o ressurgimento da Polônia e que foi esquecido durante as agendas diplomáticas, ressurgiu no início do século XX (STACHURA 2004: 6). O principal motivo para o reaparecimento da ‘Questão Polonesa’ deveu-se aos esforços das potências invasoras em atrair maior número de combatentes para seus respectivos exércitos (DAVIES, 2001: 96).

Observa-se que essa tentativa de construir as maiores forças de ataque culminou na eclosão da Primeira Guerra Mundial, o elemento responsável pela transformação do mapa europeu, bem como pela inserção da Polônia, com o território anterior à invasão no ano de 1918 (DAVIES, 2001: 95-96).

A recriação da Polônia aconteceu, pela primeira vez, em 1914, quando o Grão Duque Nicholas propôs a eliminação das fronteiras e a liberdade dos poloneses em governar o país, de acordo com seus desejos, podendo estes utilizarem o idioma polonês como oficial e

ter um governo próprio (vide Anexo 1) . Todavia, isso nunca ocorreu de fato. Outro fato importante no que tange à essa problemática aconteceu em 1916, com a invasão germânica e austríaca nos territórios russo-poloneses, o que ocasionou na criação do Reino da Polônia por estes dois impérios invasores. Acrescenta-se que o rei polonês devia obedecer às ordens emanadas dos exércitos ocupantes (DAVIES, 2001: 96).

Os partidos políticos poloneses, durante a Primeira Guerra Mundial, eram divididos em dois grupos. O primeiro e mais organizado deles era chamado de Organização Nacional Polonesa (PON) e tinha como líder Josef Pilsudski. O segundo partido político era chamado de Comitê Nacional Polonês (KNP) e seu representante era Roman Dmowski. Com objetivos diferentes, o partido de Pilsudski visava construir um novo conceito político com a ajuda da Áustria, apostando que a Rússia fracassaria na Guerra por causa da Revolução Russa. Ao mesmo tempo, Pilsudski apostava na vitória francesa e inglesa contra os impérios alemães e austríacos, porém, acabou tornando-se prisioneiro do exército alemão. Por sua vez, Dmowski objetivava ganhar poder por meios diplomáticos, associando-se aos países formadores da Tríplice Entente (DAVIES, 2001: 97-98).

A retirada da Rússia da I Guerra Mundial aconteceu em março de 1918, quando Leon Trotsky, o então comissário das relações exteriores, encontrou-se com as delegações da Alemanha e Áustria para negociar um acordo de paz. O acordo foi assinado na cidade de Brest Litovsk, atual Bielorrússia. Ao assinar o acordo, a Rússia concordou em abrir mão dos territórios que estavam em seu poder, são eles: Finlândia, Letônia, Lituânia, Estônia, Polônia, Ucrânia e Bielorrússia (DAVIES 2001-132-135).

Ao retornar ao país, em novembro de 1918, Pilsudski é declarado Chefe de Estado. (STACHURA, 2004: 7). Chamada de Segunda República, os poloneses acreditam que pelo fato de a nação não ter estabelecido suas fronteiras, constituição e, principalmente, não ter atingido o reconhecimento internacional, ela seria uma continuação da Primeira República, ou seja, antes da divisão entre Alemanha, Áustria e Rússia. Durante a Conferência de Paz, em

Paris, a Polônia já havia estabelecido e recuperado grande parte de sua fronteira devido aos esforços do exército polonês.

1.2 Guerra Polaco-Soviética ao Regime Sanacja

Os principais motivos para a Guerra Polaco-Soviética foram as diferentes idéias entre os dois países e a longa relação hostil entre eles. Para os russos, espalhar idéias marxistas no oeste europeu justificava a invasão, ao passo que, para os poloneses, era necessário proteger sua nação contra invasores. E foi com base nesse contexto que começou a guerra Polaco-Soviética, haja vista que nenhum dos dois governos declarou formalmente o início da guerra (DAVIES, 2001: 108-110).

Os dois exércitos encontraram-se nas áreas em que os alemães haviam sido retirados. Com o objetivo de disseminar a ideologia marxista até o oeste europeu – pois de acordo com Lênin e Trotsky a sobrevivência da Revolução Russa dependia dessa ação, mesmo sendo contrário ao pensamento de Stalin, os russos invadiram o território polonês, o qual estava sob o comando de Pilsudski. O Exército Vermelho posicionou-se às margens do rio Vistula em poucas semanas, mas foram surpreendidos pelo exército polonês. A vitória polonesa marcaria o primeiro triunfo sobre os soviéticos (STACHURA, 2004:10). Somente após o Tratado de Riga, em março de 1921, que as fronteiras da Polônia foram estabelecidas, com a devolução da cidade de Vilnius para Lituânia. Alguns dias depois, a Polônia estabelece sua nova constituição baseada no modelo francês.

Após a constituição polonesa, o Estado passou por dificuldades em diversas áreas. No parlamento, as coalizões trouxeram corrupção. Ademais, na ordem pública, o Estado viveu sob uma atmosfera de bastante violência. Na área econômica, a inflação alcançou altos níveis, o que corroborou na criação de uma nova moeda, o *zloty*. A implementação da

democracia ocidental não obteve resultados imediatos, visto que o regime durou apenas sete anos (STACHURA, 2004: 29).

Após oito anos de independência, a Polônia sofreu outro golpe. O então Marechal Pilsuski tentou voltar ao poder. Apesar de não possuir planos concretos, encontrou-se com o Presidente da Segunda República, Stanislaw Wojciechowski, ordenando a este que abandonasse o poder. Com a negativa do pedido, naquele mesmo dia, 12 de maio de 1926, iniciou o golpe de Estado com o uso de força armada. Os poloneses precisaram lutar entre si para garantir seus interesses. O golpe durou tão-somente dois dias com a vitória de Pilsudski e seus aliados, limando do poder o presidente e o primeiro-ministro (PACZKOWSKI, 2003: 5-10).

Apesar do autoritarismo de seu exercito, Pilsudski conseguiu não somente estabilizar a economia da nação, como também incentivar áreas relacionadas à cultura. Com receio do crescimento das forças soviéticas e alemãs, ele assinou pactos de não-agressão com os dois países. Antes de sua morte, em 1935, aprovou a constituição que traria mais autoritarismo para o país.

Após a morte de Pilsudski, os habitantes da Polônia procuraram afirmar sua identidade nacional. Os poloneses passaram a ser mais defensivos, os alemães que ali viviam procuraram no nazismo sua identidade e os judeus preocupavam-se com as perseguições. Ademais, uma preocupação era nacional, as tropas de Hitler avançavam pela Europa, começando pela Renânia, passando pela Áustria e Tchecoslováquia. No cenário internacional, a contenção do expansionismo nazista não era possível, pois a crise de 1929 atingia violentamente as grandes potências (STACHURA, 2004: 11-14).

Inglaterra e França ofereceram aos poloneses uma garantia de ajuda, caso Hitler tentasse invadir o país, fato que obrigou os alemães a cancelarem o pacto de não-agressão com o Polônia e também a preparem a invasão (DAVIES, 2001: 112).

Em agosto de 1939, as negociações entre os Ministros das Relações Exteriores da Rússia, Vyacheslav Molotov e o alemão Joachim Von Ribbentrop, avançaram e, no dia 23 de agosto, foi assinado o Pacto de não-agressão entre Alemanha e União Soviética, o qual possuía como objetivo principal a invasão da Polônia e sua divisão em dois outros países (vide Anexo 2). A condição do pacto era que nenhum dos países signatários poderia interferir nas ações ou nos novos territórios do outro, o oeste da Polônia estaria sob o controle germânico e o leste, sob égide soviética (IRVING 1996: 331).

Com as invasões inimigas, os governantes poloneses foram exilados na Romênia e, mais tarde, constituíram na Inglaterra um novo governo. Sob o novo poder, a Polônia sofreu atrocidades vindas de seus dois inimigos, a Alemanha e a URSS (PACZKOWSKI, 2003: 58). Enquanto a Alemanha restringia-se à construção de campos de concentrações, câmaras de gás, experiências médicas para a eliminação dos judeus, ciganos, prisioneiros políticos russos e poloneses visando uma limpeza social; a União Soviética usou força armada e inanição para assassinar os civis. As deportações de poloneses para as áreas do Ártico e Sibéria também foram ordens stalinistas, porém, o que mais chocou foi o massacre de Katyn.

1.3 Da supremacia nazista ao domínio soviético

O Pacto Ribbentrop-Molotov se encerrou no dia 22 de junho de 1941, no momento em que a Operação Barbarossa se iniciou sem aviso. O ataque alemão surpreendeu os soviéticos e visava à retomada dos territórios europeus que estavam sob invasão russa. A Polônia foi destruída de leste a oeste, vilas e cidades foram extintas escolas e universidades

fechadas e qualquer tentativa de levante ou ajuda aos judeus era uma sentença de morte (DAVIES, 2001: 55-63).

O governo soviético, com o propósito de constituir uma aliança para enfrentar os alemães, ofereceu propostas ao General polonês Sikorski. A oferta incluía a formação de um exército polonês e o cancelamento do pacto alemão-soviético, no que diz respeito à partilha do território polonês e à anistia de todos os prisioneiros poloneses que estavam sob prisão russa.

Apesar das problemáticas conhecidas nas relações entre Rússia e Polônia, e a ausência de explicação do desaparecimento de oficiais do governo, os poloneses preferiram lutar somente contra um inimigo, no caso a Alemanha, ao invés de dois (DAVIES, 2001:61).

Na chegada do inverno de 1941, Stalin preparou o exército vermelho para se defender em Moscou. Tomou, também, a decisão de destruir toda a infraestrutura que poderia servir de utilidade para os inimigos. Todas as pontes e a malha ferroviária foram arruinadas. Com a falta de preparo para enfrentar o severo inverno russo, os alemães sofreram profundas baixas. Não somente baixas em relação aos soldados, que acabaram por morrer de frio e fome, mas também pela paralisação dos aviões e tanques de guerra devido ao congelamento do óleo.

No começo da invasão, a Alemanha já havia conquistado os territórios de Kiev, localizados na Ucrânia. Mas o frio, considerado por muitos autores o fator principal, conseguiu afastar os alemães das imediações de Moscou. Após quatro meses da expulsão, os alemães conseguiram reorganizar seu exército, conquistaram a região de Rostov e chegaram à cidade de Stalingrado (STACHURA, 2004: 94-110).

Conhecida como a ‘Batalha de Stalingrado’, os dois exércitos se enfrentaram novamente por diversas semanas. Por falta de suprimentos de guerra e alimentos, o Marechal de campo, Paulus, desobedeceu às ordens de Hitler e se entregou.

A vitória da Rússia contra os alemães deixaria a Polônia livre, haja vista que dois anos antes Stalin e o Marechal Sikorski assinaram um acordo que previa a liberação da Polônia e o fim do Pacto alemão-soviético, que pretendia dividir o território polonês. Porém, com o anúncio da descoberta das valas em Katyn, feito pelos nazistas, a relação entre Polônia e União Soviética é desfeita por Stalin e o acordo foi descartado. Durante a fase política mais complicada, o então general Sikorski foi morto durante um acidente de avião enquanto visitava tropas polonesas no norte da África.

Em dezembro de 1943, os principais estadistas do cenário internacional – Winston Churchill, representante do Reino Unido; Josef Stalin, da Rússia e Franklin Roosevelt, dos Estados Unidos – se encontraram em Teerã para discutir o futuro da Europa e da Polônia em si. Caracterizado como o primeiro grande encontro, os acordos firmados visavam o cerco contra os nazistas, a entrada dos aliados na Europa e a divisão de fronteiras entre a Polônia e a União Soviética. O destino da Polônia foi selado sob controle soviético(DAVIES, 2001: 65-70).

Os eventos pós Conferência traçaram não somente a marcação do território polonês, como também influenciaram na libertação do Estado. Os poloneses ainda tinham esperança no que tangia à liberação após a expulsão total dos nazistas no país, porém, a intenção russa era ocupar todo o território polonês.

Enquanto não acontecia a liberação polonesa, o General Bór-Komorowski, militar polonês, considerou a possibilidade de atacar o exército alemão que se encontrava em Varsóvia. A capital da Polônia conseguiu concentrar ilegalmente quinze mil soldados e com as notícias da retirada de diversos trabalhadores alemães, os poloneses acreditaram que as forças nazistas estavam enfraquecidas. Em 21 de julho de 1944, iniciou-se a Operação Tempestade em Varsóvia (DAVIES, 2001:66).

Com o exército vermelho localizado às margens do rio Vístula, os alemães retornaram para atacar os russos, entretanto, foram surpreendidos com o levante polonês. O combate teve um resultado brutal, principalmente para o lado polonês, que viu a morte de duzentos e cinquenta mil civis. Os russos nada fizeram e esperaram pelo fim do combate para invadir Varsóvia e controlá-la (LESLIE, 1980: 260-279).

Entre os dias 4 e 11 de fevereiro de 1945, realizou-se a Conferência de Ialta, que contou com a participação dos líderes soviéticos, ingleses e norte-americanos. O acordo firmado entre eles dividia a Europa em duas zonas de influência. A parte oeste e sul ficariam sob a zona de influência americana e inglesa, enquanto a parte leste ficaria sob influência russa. Para a Polônia, ficou acertada uma eleição livre, apesar do já instalado do Comitê Polonês da Liberação Nacional (PKWN).

Com o avanço do exército vermelho até Berlim e com o fim da Segunda Guerra Mundial, a Polônia ainda viveu vários meses com a guerra civil, que surgiu devido às divergentes organizações que tentavam subir ao poder.

1.4 A Polônia sob o poder comunista

O resultado do pós-guerra para a Polônia não foi apenas um território novo, a sociedade em si havia mudado, a massa intelectual padeceu sob ordens soviéticas e a capacidade industrial viu-se reduzida à metade. Os poloneses precisaram reconstruir a maioria das cidades, que foram destruídas pelas guerras e reparar os danos.

A liberação polonesa durou meses. A União Soviética criou alianças com partidos políticos poloneses comunistas e de esquerda e conseguiu, assim, oprimir a oposição e controlar todo o país. Ademais, a Polônia teve suas eleições fraudadas em 1947, quando Mikolajczyk, Vice-Ministro do Governo Provisório, fugiu do país e deixou o poder para o

Partido dos Trabalhadores Unificado da Polônia (PZPR), que ficou no poder de 1948 até 1956. Esse período foi chamado de ‘Stalinismo Polonês’, pois o partido, baseado em ideias marxistas, governou sob a influência da polícia secreta russa e de conselheiros soviéticos. (KEMP-WELCH, 2008: 9).

Mesmo com a constituição polonesa, criada em 1952, prevendo a abertura para uma democracia moderna, que incluía inclusive o sufrágio universal, a Polônia não conseguiu sua total liberdade. Ressalta-se que os trabalhadores e os camponeses foram proibidos de escolherem seus candidatos.

As relações entre a União Soviética e os Estados Unidos no período pós-guerra foram se estreitando, a ordem geopolítica internacional tornou-se bipolar e surgiu o conceito de ‘Guerra Fria’². Stalin acreditava que os Estados Unidos iriam atacar o bloco soviético e, por isso, ordenou a reorganização do exército polonês e a mudança da economia, que passou a ser fomentada para a produção de carvão, aço e armas. O país se fechou ainda mais, as igrejas foram atacadas e padres, presos; nenhum civil poderia tentar contato para fora do país, uma vez que esse tipo de ação era caracterizada como espionagem (DAVIES, 200: 5-8).

A política stalinista criava e fazia circular propagandas comunistas por todo o país, tendo em mente o pensamento coletivo. Apesar dessas ações, o stalinismo polonês não foi tão intenso quanto nas outras repúblicas socialistas.

Com a morte de Stalin, em 1953, e a extinção do Ministério da Segurança, em 1954, o pensamento do coletivismo foi aos poucos desaparecendo. Em junho de 1956, houve uma série de greves e confrontos na cidade de Poznan, oeste do país, onde 74 trabalhadores e militantes foram mortos. Conhecida como a “Greve de Pão e Liberdade”, os grevistas lutavam

² O pacto de Varsóvia foi assinado em 1955 pelos países socialistas e também pela URSS. A aliança militar visava a ajuda mútua entre os Estados Membros em caso de conflitos.

pela escolha de um líder para o partido, que entendesse os problemas nacionais. Para eles, esse líder era Władysław Gomułka (PACZKOWSKI, 2003:273-275).

Na União Soviética, após a morte de Stalin, o novo Primeiro-Secretário do Partido Comunista da União Soviética foi eleito. Nikita Khrushchev subiu ao poder em 1956 e discursou no XX Congresso do Partido Comunista da União, também conhecido como o ‘Discurso Secreto’, o qual condenou as atrocidades feitas por Stalin, especialmente, no que diz respeito ao ‘Grande Expurgo’³. No discurso, o Primeiro-Secretário admitia também que a Era Stalinista precisava de reformas. O período nomeado de ‘Degelo de Khrushchev’ começou em 1956 e terminou em 1964. Este período teve grande importância para a Polônia, uma vez que diversos prisioneiros políticos poloneses foram libertados dos campos de trabalho, conhecidos como *Gulag* (PACZKOWSKI: 2003: 262-272).

Gomułka, líder do Partido dos Trabalhadores Unificados da Polônia (PZPR) de 1956 a 1970, mudou a história da nação por meio de suas ações. Ele provou aos russos que os poloneses comunistas poderiam governar sem a supervisão direta dos soviéticos, pois acreditava que existiam diversos caminhos para o socialismo. O resultado foi uma Polônia admirada e não somente um mero Estado manipulado pelos russos.

As ações de Gomułka concentraram-se em atender três pedidos solicitados pelos populares: uma Igreja independente, camponeses livres para trabalhar e uma política pluralista. Gomułka acreditava que atendendo aos pedidos dos populares, o PZPR ganharia força. Todavia, sua crença foi vã. Enquanto a igreja, os camponeses e a política pluralista crescia, o Partido PZPR, por outro lado, minguava (DAVIES, 2001:10).

³ Entre 1936 e 1938, Stalin orquestrou diversas perseguições políticas contra membros do Partido Comunista, civis, e comandantes do Exército Vermelho. Essas pessoas eram presas e enviadas para campos de trabalho Sibéria

O papel da Igreja neste período foi fundamental. Os poloneses católicos representavam 96% da população pós Segunda Guerra Mundial. A Igreja, apesar de ter sido excluída das escolas e da mídia, era livre para contatar o Vaticano, lidar com propriedades e finanças. Com o crescimento da industrialização e a escolha em 1978 do Papa Karol Wojtyła, conhecido como João Paulo II, a Igreja alcançou poder rapidamente (DAVIES, 2001: 12).

Na década de 90, pela visão do Governo, os camponeses poloneses eram tratados como anarquistas e, em pouco tempo, desapareceriam em virtude da truculenta concorrência com as grandes fazendas coletivas. O Governo controlou todo o maquinário de campo, venda de fertilizantes e acabou por destruir todas as possíveis formas de plantação no país. O país teve problemas com o fornecimento alimentício e tiveram de racioná-los. O resultado da crise política e da crise de alimentos mostraram que a teoria usada pelo PZPR não operava conforme as ideologias do partido (DAVIES, 2001: 11).

Quanto à política polonesa, esta estava bem à frente dos demais países do bloco soviético. A nação era bem vista pelos grandes países por possuir um sistema multipartidário, em que os católicos conseguiam lidar com as autoridades comunistas (DAVIES, 2001:17).

O sucessor de Gomulka foi o comunista Edward Gierek, que governou de 1970 a 1980, período no qual tentou recuperar a economia polonesa com empréstimos feitos no exterior, porém, não conseguiu manter os preços dos alimentos como seu sucessor. Esse período é marcado por greves e a formação do Partido Solidariedade.

A formação desse partido se deve a diversos acordos firmados entre o Governo e os trabalhadores. As pessoas envolvidas nesse Comitê eram os responsáveis pelas greves em cada província polonesa. O líder eleito para administrar o movimento foi Lech Walesa. O objetivo do movimento era o uso da não-violência e conseguiu atingir o número de dez milhões de simpatizantes.

Segundo Robert Darnton:

O [Partido] Solidariedade e a Igreja agora parecem ser as únicas instituições que detêm a lealdade de toda a nação. Entre os 35 milhões de habitantes da Polônia, 95% são católicos praticantes. Dez milhões haviam se filiado ao Solidariedade na época da última contagem, quando o Solidariedade rural estava apenas começando a se organizar. No final do verão, quando realizará seu primeiro congresso geral, o sindicato abrangerá praticamente toda a força de trabalho do país, incluindo muitos membros do Partido Comunista (DARNTON, 1990: 26).

Com o declínio do partido, Gierek deixou o poder para o seu sucessor Stanislaw Kania, que ficou no poder até a nomeação do General Wojciech Jaruzelski para Primeiro-Ministro e depois Secretário-Geral do Partido.

O Primeiro-Ministro Jaruzelski, em dezembro de 1981, promoveu o golpe que prendeu os líderes do Partido Solidariedade, colocou o exército nas ruas e proclamou a Lei Marcial. A Lei visava obstruir e acabar com qualquer tipo de organização social, restringia os direitos de liberdade dos cidadãos. O resultado do golpe foi o controle total do país em poucos dias (KEMP-WELCH, 2008: 302-331).

Durante o ano de 1982, a Polônia foi oficialmente governada pelo Conselho Militar de Salvação Nacional (WRON), uma ditadura militar que prendeu muitos inocentes, militarizou a malha ferroviária, fomentou um rígido padrão relacionado à ordem pública e se utilizou de gravações telefônicas para evitar as organizações civis. No final de 1982, o governo decidiu libertar todos os prisioneiros acreditando na extinção do Movimento Solidariedade.

Em 1985, Mikhail Gorbachev torna-se líder soviético e promove a *Glasnost* e a *Perestroika*⁴. As greves continuam pelo país até que, em 1988, Lech Walesa coordena uma greve em massa e obriga o Governo a ter uma reunião com o Partido Solidariedade.

Nessa reunião, também chamada de ‘Mesa Redonda’, o Partido conseguiu que as eleições para senadores fossem livres e que, a partir de quatro anos após a assinatura do acordo, as eleições presidenciais também assim o fossem (STACHURA, 2004: 498-501).

No dia 27 de abril de 1989, é eleito como Primeiro-Ministro polonês, Tadeusz Mazowiecki, um dos líderes do Partido da Solidariedade e o primeiro líder não-comunista desde a Segunda Guerra Mundial, com Jaruzelski como presidente (PACZKOWSKI, 2003: 507-514).

1.5 Fim do comunismo e as eleições presidenciais

Em setembro de 1990, é lançada a eleição presidencial na Polônia. Lech Walesa disputa o cargo com Tadeusz Mazowiecki, seu antigo aliado. Walesa ganha as eleições no segundo turno, com 53% dos votos e governa até 1995 (PACZKOWSKI, 2003: 514-518).

Nas eleições presidenciais daquele ano, ele lança sua candidatura, mas é derrotado por Aleksander Kwasniewski, do Partido Social Democrático. Após a vitória nas eleições, ele abandona o partido.

Apesar dos anseios da população polonesa pelo fato de seu antigo partido ser remanescente do PZPR, Kwasniewski privatizou diversos setores e abriu a economia polonesa.

⁴ *Glasnost* e *Perestroika* foram medidas políticas implantadas da Rússia por Mikhail Gorbachev visando a produção de bens e o melhoramento do sistema econômico.

Em setembro de 2005, Jaroslaw Kaczynski lançou sua candidatura para Primeiro-Ministro da Polônia. Apesar da vitória de seu partido, ele prefere não assumir para não prejudicar seu irmão gêmeo, que concorria nas eleições presidenciais daquele mesmo ano. Os principais candidatos para o cargo de presidente eram: Lech Kaczynski e Donald Tusk. O vencedor foi Kaczynski, co-fundador do Partido Lei e Justiça em conjunto com seu irmão gêmeo.

Lech Kaczynski ficou no poder até o dia 10 de abril de 2010, quando um trágico acidente ocasionou sua morte e a de diversas autoridades polonesas. De acordo com a constituição polonesa, o cargo de presidente interino deveria ficar na responsabilidade do Presidente do Senado, Bronislaw Komorowski, da Plataforma Cívica.

Os dois turnos das eleições presidenciais na Polônia aconteceram nos meses de junho e julho de 2010. Ao todo, 16 candidatos estavam registrados e aptos para a corrida presidencial. O presidente interino Bronislaw Komorowski e Jaroslaw Kaczynski disputaram o segundo turno das eleições, que teve como resultado a vitória de Komorowski.

CAPITULO II

ÁNALISE DO FILME *KATYN*

2.1 Primeiras considerações

Uma ponte vira cenário para compreender a situação na qual se passava na Polônia em 17 de setembro de 1939. De um lado, civis desvairados correm em direção ao leste almejando fugir da invasão alemã vinda do oeste, esses se encontram no meio da ponte com os civis vindo do leste que fugiam da ocupação russa. A dúvida para qual lado totalitário fugir toma conta da população assustada e com pouca informação sobre o momento que marcará a história da Polônia para sempre. Assim começa o filme *Katyn* (2007) de Andrzej Wajda, com produção polonesa.

O filme *Katyn* narra a história da invasão Soviética e Alemã, em setembro de 1939. O que o mundo não sabia era que, em 23 de agosto de 1939, fora assinado um protocolo secreto no Pacto de não-agressão entre a União Soviética e a Alemanha, por dois ministros de relações exteriores; Ribbentrop, da Alemanha e Molotov, da União Soviética. O protocolo visava um ataque duplo dos dois países na Polônia e nos países do Báltico e a consequente divisão desses territórios (DAVIES, 2001: 50).

Ao longo do filme, é abordada a história do massacre por meio de quatro protagonistas, oficiais poloneses, que foram feitos prisioneiros de guerra pelo Exército Vermelho e depois assassinados na floresta de Katyn, perto da cidade de Smolensk. São narradas também as histórias das famílias das vítimas e a alternância entre a autoria do massacre.

Wajda dirigiu o filme, especialmente, pelo ponto de vista feminino, por meio de diversos diários e testemunhos de irmãs e parentes das vítimas. Grande parte da obra

cinematográfica é narrada pelo diário do Capitão Andrzej, protagonista do filme. O silêncio que permaneceu por quase 50 anos na população polonesa é o retrato principal do filme e o lado mais árduo da narrativa.

2.2 A narrativa do Filme

Em setembro de 1939, ao leste, o Exército Vermelho invade a Polônia e Molotov informa que Varsóvia não é mais a capital. Sem declarar guerra, o exército polonês é cercado e obrigado a entregar as armas. Tomados como prisioneiros de guerra, os oficiais ficam sob o poder soviético, incluindo Capitão Andrzej, um General do exército, o Tenente Jerzy e o Tenente piloto, bem como algumas personagens coadjuvantes, que também têm suas histórias relatadas no filme. No momento que estão sendo levados para o campo, Capitão Andrzej decide escrever em um diário. A União Soviética não assinou a Convenção de Genebra, que garantia a lei humanitária internacional para os combatentes de guerra, fazendo que as prisioneiras Anna, mulher do Capitão Andrzej e sua filha, Nika, vão até a estação Mara tentar convencer o Capitão a fugir, mas ele decide ficar e cumprir seu papel militar.

Na Zona de Ocupação Alemã, em novembro de 1939, ocorre a Reunião da SS com os membros da Universidade de Cracóvia, acusada por oficiais da Alemanha de desrespeitarem as regras germânicas de domínio, acabou fechada pelos oficiais. Todo o corpo docente e a elite intelectual são levados para o campo de trabalho em Sachsenhausen, incluindo o pai do Capitão Andrzej.

Nesse mesmo período, enquanto os oficiais são mantidos no campo de prisioneiros de guerra em Kozielsk, o Exército Vermelho, em sua zona de ocupação, faz propaganda para vetar qualquer tipo de resistência e afirmando que somente ele libertará a nação polonesa da guerra. Presa em Varsóvia, a mulher do oficial Andrzej não consegue viajar para Cracóvia por falta de autorização do Governo Geral (URSS).

No último mês de 1939, enquanto os oficiais, professores, advogados, engenheiros são mantidos no campo, o Exército Vermelho agora procura por mulheres e filhas dos oficiais para matá-las. No monastério que fica no campo, o general entra na sala comum onde os prisioneiros estão e discursa para todos. Ele espera que em um ano eles estejam em casa, afirma que eles são os responsáveis por fazer o país crescer e pede a todos que resistam, pois sem eles não haverá uma Polônia livre e dentro do mapa europeu. Todos os oficiais, nesse momento, cantam o hino polonês. Em Varsóvia, o Exército Vermelho vai à busca das famílias dos oficiais, a irmã e a sobrinha de Anna são levadas e nunca mais retornam. Anna e sua filha, Nika, conseguem escapar, escondendo-se na casa de um oficial russo.

Na primavera de 1940, na cidade de Cracóvia, aviões alemães atacam o exército inglês, haja vista que Inglaterra e França possuíam um pacto unilateral com a Polônia de que caso a Polônia fosse invadida, eles lutariam juntos. Anna consegue voltar para a casa dos pais de Andrzej, em Cracóvia. Em março, as últimas cartas dos oficiais chegam às suas famílias, ainda assim riscadas pela censura soviética. Durante o período que o pai de Andrzej é mantido em Sachsenhausen, ele morre decorrente de um ataque cardíaco. O Tenente Jerzy presenteia o capitão com um casaco que, dentro dele, está gravado o nome do Tenente. Eles esperam que Inglaterra e França ajudem os oficiais, pois 20.000 deles não podem ficar na linha de frente de uma guerra.

No campo, uma lista com o nome dos oficiais que vão ser levados embora é lida e são vacinados contra tifo. Estes oficiais acreditam que vão ser mandados para países neutros. Alguns nomes são chamados, incluindo o de Andrzej, o do General e o do Tenente piloto.

Em abril de 1943, no alto-falante da praça central de Cracóvia – Stare Miasto, os nomes, cargos e datas de nascimento dos que morreram no massacre de Katyn é lido, incluindo o do General, o do Tenente Jerzy e o do Tenente piloto. Os nazistas entregam às famílias das vítimas alguns pertences dos oficiais junto à uma carta dizendo que foram

encontrados na floresta de Katyn os corpos dos oficiais, além disso, culpam os soviéticos pelo acontecido. A mulher do General é uma das famílias que recebem a carta e vai ao encontro do exército nazista. O oficial pede a Anna que leia no alto-falante do rádio e que confirme que os russos são os culpados, ela se nega a gravar a carta e é obrigada a assistir o vídeo do exército alemão, o qual comprova que:

Atrás da linha de frente, na região de Smolensk, na Floresta de Katyn, local de um terrível massacre, onde foram ordenadas execuções cruéis de 12 mil prisioneiros de guerra poloneses oficiais e oficiais não comissionados. Um comitê médico alemão, com um especialista forense polonês, Pragowskim, apuraram que os assassinatos foram da típica maneira bolchevique: um tiro na nuca. O ferimento da saída da bala é na testa ou na parte de cima do crânio da vítima. O padre Jainski está realizando enterros nas valas comuns. Um punhado simbólico de cinzas do Governo geral está sendo jogado nas sepulturas. Todos os oficiais poloneses foram assassinados na primavera de 1940. Há muitos generais poloneses entre as vítimas. Isso mostra o que o destino reservou às nações européias: a praga assassina bolchevique. Ainda com sua postura heróica, os alemães protegem nosso continente (Katyn, 2007).

No início de 1945, a bandeira nazista cai no chão na praça de Cracóvia, a União Soviética conquista diversos territórios e agora ocupa toda a Polônia. Com o cargo de Major, trabalhando para os russos, Jerzy visita a casa da família de Andrzej, o nome de Jerzy foi lido na praça central e ele dado como morto, ele conta à mãe de Andrzej que a última vez que o viu foi em 1940 quando o levaram para outro campo. Jerzy se encontra com Anna na porta da casa e é avisada que Andrzej estava com uma blusa com o nome dele, por isso o nome dele foi lido e, conseqüentemente, foi dado como morto.

Jerzy vai até à escola e conversa com o professor que mantém todos os pertences dos mortos em Katyn, ele pede ao professor que mande tudo o que está em seu nome para a família de Andrzej já que houve o mal entendido por causa dos casacos.

Na praça central é exibido novamente um vídeo sobre o massacre com os seguintes dizeres:

Com a força da decisão do Comitê Estatal Extraordinário, de acordo com a investigação do assassinato cometido pelos invasores alemães, uma comissão especial foi indicada para apurar as circunstâncias do crime contra os prisioneiros de guerra poloneses na Floresta de Katyn. Cada corpo passou por uma autópsia detalhada. Um tiro na nuca, estilo favorito dos assassinos da Gestapo. A julgar pelas autópsias, cérebros e roupas, podemos determinar que os prisioneiros poloneses não foram mortos antes do outono de 1941. Os alemães cometeram o assassinato com completo cinismo, o que mostram os ferimentos de bala. Foi assim que mataram os poloneses. Delegações da primeira unidade militar polonesa na URSS vieram para a cerimônia. Durante a cerimônia, o padre disse aos participantes: “Que o sangue polonês derramado possa ser uma fundação para nossa terra livre e renovada” (Katyn, 2007).

Jerzy encontra a mulher do General morto em Katyn, na praça, e diz que Stalin precisava de oficiais da unidade militar para testemunhar a imparcialidade da investigação. Apesar de ter conhecimento que os russos mataram, o major não testemunha para ficar livre e a viúva fica indignada quando ele cumprimenta os assassinos como se fossem vencedores. Não conseguindo conviver com a história não-oficial, o Major comete suicídio com um tiro na cabeça.

Na igreja, Agnieszka, a irmã do Tenente piloto, visita o padre que esteve em Katyn em 1943, e a ela é dado o rosário que foi tirado da mão do irmão, na presença do padre. Agnieszka vai à loja de Anna para fazer uma medalha com a foto do irmão para colocar no epígrafe dele. Nesse momento, Tadeuz, (Tadzio), sobrinho de Anna, se reencontram, os dois não têm notícia da mãe desde que os russos a levaram. O pai de Tadzio também está na lista. O sobrinho de Anna vai até à escola para terminar os estudos e entrega o currículo, que diz que o pai foi morto em 1940, o que incrimina a Rússia como os assassinos de Katyn. A diretora Irena, que é irmã de Agnieszka e do Tenente piloto, pede para que ele mude a data da

morte do pai, para que ele não tenha problema. Tadzio não aceita e diz que currículo, só existe um.

Tadzio, ao sair do colégio, rasga uma propaganda comunista que está em um cartaz no poste e oficiais russos o perseguem pela cidade. Ele encontra com Ewa, filha do General, fogem e marcam um encontro para o próximo dia, porém, Tadzio é encontrado novamente pelas ruas por oficiais russos que o perseguem e ele acaba morto ao ser atropelado.

A irmã do Tenente piloto decide cortar o cabelo e vender a um teatro. Com o dinheiro, Agnieszka manda fazer uma epígrafe com a foto do irmão, seu cargo e com a data marcada em abril de 1940. Ela visita a igreja procurando pelo cônego, no entanto outro padre a avisa que o cônego foi levado pela polícia e ele foi preso pela NKVD, o Comissariado do Povo para Assuntos Internos. Ele avisa que não pode colocar na igreja, porque sabe que se os bolcheviques descobrirem iriam matá-lo também. Ela, então, leva a placa para o cemitério, porém, um espião da NKZV a segue, destrói a placa e a levam para o interrogatório. Antes de chegar ao cemitério, ela encontra a irmã, diretora do colégio, elas discutem. Agnieszka acha que a irmã é do partido comunista, a irmã não discorda e diz que todos deveriam ficar e construir a identidade polonesa o máximo que puderem.

Durante o interrogatório, a NKVD acusa Agnieszka de difamar e acusar os russos pelo massacre. Eles pedem a ela que assine um documento falando que foram os alemães que assassinaram, ela se recusa e é assassinada.

Na casa de Anna, a funcionária da escola a entrega as lembranças de Andrej. Ela explica que o Major Jerzy, antes de cometer suicídio, pediu que entregasse à família as relíquias. No envelope, há o diário, que descreve o transporte dos prisioneiros até a floresta de Katyn. Ele fora colocado em vagões de carros, similares a uma prisão, junto ao Tenente piloto

e ao General. Eles acreditavam que estavam indo para Smolenska. Em 10 de abril de 1940, o Tenente piloto escreve com o rosário que lhe foi dado à data acima na parede do vagão.

A cena final do filme mostra os vagões chegando à floresta de Katyn. O General é o primeiro a sair do caminhão e é levado de carro a uma casa, nesse momento, pedem a ele que se identifique e que tire o cinto. Ele é encaminhado para oficiais russos, que o levam para uma pequena sala, onde tem suas mãos amarradas por dois oficiais russos e um outro oficial atira em sua nuca. Seu corpo é levado de caminhão para a vala comum. Isso acontece com mais três oficiais poloneses e seus corpos são levados para as valas. Às 06 h30min da manhã, o Capitão Andrzej escreve sua última anotação, indagando o que iria acontecer com todos os oficiais. Em frente às valas comuns, o destino do Capitão Andrzej e do Tenente piloto é o mesmo, um tiro na nuca dado por oficiais russos. Dezenas de caminhões derrubam terra dentro das valas para esconder os corpos.

2.3 Análise crítica do Filme

Andrzej Wajda, polonês, conselheiro consultivo do sindicato da Solidariedade e diretor do filme, objetivou revelar em Katyn os momentos de silêncio que permaneceram na Polônia durante muitos anos. Diferentemente da maioria dos filmes sobre a Segunda Guerra Mundial, que relatam principalmente o extermínio de milhões de judeus e o lançamento das bombas em Hiroshima e Nagasaki, o assunto por ele abordado é outro. O diretor Andrzej Wajda desejou contar ao mundo com veracidade histórica o massacre na floresta, transformando a falta de materiais e provas escritas oficiais em um filme que caracteriza a identidade do Estado Polonês.

Wajda usou como objeto de estudo para seu filme a própria experiência familiar, pois que seu pai era oficial do exército e também foi vítima, além de outros testemunhos e relíquias guardadas pelas famílias das vítimas.

Segundo Marc Ferro (1993: 27), isso é muito comum dos cineastas poloneses, visto que tiveram sua história subscrita pelo governo comunista durante a ocupação estrangeira. Isso explica os motivos, por exemplo, de vários diretores poloneses que fazem filmes voltados para a história de seu país.

Durante os dois primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, a Polônia viveu sob dupla tirania, a era do pacto entre Alemanha e o da União Soviética de não-agressão. (DAVIES, 2001: 56). No filme, é retratada a divisão da Polônia feita pelos dois países e as cenas variam, descrevendo os momentos entre as ocupações russas e as alemãs durante todo o período.

Em 1940, a AB Aktion (*Ausserordenliche Befriedungsaktion*), Operação Especial Pacificadora da Alemanha, que visava exterminar os líderes da resistência, é retratada no filme com o fechamento da Universidade de Cracóvia e o envio da elite intelectual para campos de trabalhos. O motivo era desfazer o movimento intelectual para facilitar a entrada e ocupação nazista.

Na primavera de 1940, a NKVD assassinou cerca de 22 mil oficiais poloneses que foram tomados como prisioneiros de guerra. Os oficiais foram levados para três campos: Kozelsk, Ostashkov e Starobelsk (SANFORD, 2005). A decisão foi do Partido Comunista da União Soviética (Bolchevique) e foi assinada por Stalin e membros do partido: K. Voroshilov, V. Molotov, A. Mikoyan, M. Kalinin and L. Kaganovich (vide anexo 3). No filme, Wajda descreve esse momento histórico com o fim dos envios das cartas dos oficiais para suas famílias e a narração do diário do Capitão Andrzej contando como o transporte foi

feito de Kozelsk até a floresta de Katyn, perto de Smolensk, Bielorrússia, até a cena dos assassinatos.

No dia 22 de junho de 1941, a operação Barbarossa começou, Hitler encerrou o pacto nazista-soviético atacando o Exército Vermelho e almejando atacar Moscou, porém, em dezembro de 1941, quando os exércitos alemães chegaram ao subúrbio de Moscou, o forte inverno, a exaustão do exército alemão e falta de trens de abastecimento fez com que os russos recuperassem pouco a pouco seu território. A Operação Barbarossa não conseguiu atingir seu objetivo, porém, Hitler não desistiu do ataque a Moscou e durante o ano de 1942 e o começo de 1943 manteve seu exército na região. Com a chegada da primavera, em 1943, as valas de Katyn foram achadas pelo exército alemão que se encontrava no local e que por três anos ficaram sem resposta sobre o destino dos oficiais poloneses até que a Alemanha revelou ao mundo as atrocidades e o crime premeditado de Stalin na floresta de Katyn, perto da cidade de Smolensk.

Quando Hitler ficou sabendo deste fato, pediu que o, então, Ministro da Propaganda revelasse o crime, para assim desviar a atenção do gueto de Varsóvia que estava perto de eclodir. No filme Katyn, essa passagem histórica é feita com a chegada da carta pedindo que a mulher do General se apresentasse aos oficiais nazistas e assistisse ao filme da descoberta das valas, bem como pelos alto-falantes da praça central de Cracóvia, onde são lidos os nomes dos oficiais poloneses mortos no massacre (vide anexo 4).

De 1943, o filme vai direto para o ano de 1945, quando os soviéticos declaram que o Nazismo havia sido derrotado. Wajda coloca pequenos elementos para demonstrar várias passagens da Polônia durante o período da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, a menção de que a personagem Agnieszka havia lutado no Levante de Varsóvia que data de 1944. Ele também cita o fato de que os antigos oficiais poloneses que sobreviveram tiveram de se juntar ao exército russo. O vídeo oficial que é exibido na praça central de Cracovia, que

agora pertence à zona de ocupação russa, sobre o massacre na floresta, reforça ainda mais a ideia de que a população agora teria que acatar e aceitar a história oficial russo.

Segundo Marc Ferro:

Os soviéticos e os nazistas foram os primeiros a encarar o cinema em toda a sua amplitude, analisando sua função, atribuindo-lhe um estatuto privilegiado no mundo do saber, da propaganda da cultura. (...) Não obstante, no funcionamento do sistema soviético, continuava muito aquém do texto, do escrito; ele se elevava ao estatuto de um objeto cultural eminente, mas não privilegiada. Some os nazistas privilegiaram o filme. (...) O cinema não foi apenas um instrumento de propaganda para os nazistas (FERRO, 1993:52-53).

Com o Governo polonês exilado em Londres, sem resposta sobre a verdade do massacre, por anos a população teve de conviver com a história apresentada pelos russos, visto que durante o período de 1945-1990 o país viveu sobre o sistema totalitário de Stalin. A história oficial seria de que os Alemães mataram os oficiais durante a invasão em 1941.

A Polônia viveu suprimida por essa história que só veio ao fim quando houve a queda do comunismo e Mikhail Gorbachev entregou ao Presidente da Polônia, Wojciech Jaruzelski. Os documentos evidenciaram a autoria do assassinato, mas não os motivos. A Polônia viveu sob essa falsa história e mesmo os que sabiam a verdade eram proibidos de falar sobre a data correta do massacre. Esse silêncio é visto, principalmente, quando a mulher do General grita na praça central que o vídeo exibido pelos russos era uma mentira e, também, quando Agnieszka, irmã do Tenente piloto tenta colocar uma epígrafe no cemitério escrito que o irmão havia sido morto em Abril de 1940, nesse momento ela é presa pela NKVD.

Em 1992, o Presidente da Rússia, Boris Yeltsin, entregou ao Presidente em exercício, Lech Walesa, cópias do que eles chamavam de 'Package n#1', contendo mais

documentos, confirmando a responsabilidade da CPCU *Political Bureau* pelo massacre. Pela segunda vez, a Polônia recebeu documentos relacionados ao massacre.

Consoante Robert Darnton enuncia:

A geração mais antiga vivia próxima demais do stalinismo para se arriscar. Aprenderam a se autocensurar antes de submeterem seus textos à censura oficial e a ficar atentos ao que diziam em aula. (...) Os historiadores mais jovens parecem mais diretos. Mas eles também se preocupam como fato de que as paredes possam ter ouvidos e pedem aos eventuais entrevistadores que não dêem seus nomes. (...) Quando crianças, eles ouvem uma coisa na escola e outra em casa. Muitas vezes desprezam a versão dos pais. Mas, cedo ou tarde, ela é confirmada por alguma coisa que chega a eles pela imprensa clandestina. (...) Assim, sua formação histórica passa por três fases: contato com a tradição oral, absorção da palavra escrita por meio de fotocópias e mimeografada clandestinas, e o estudo formal. Ao final, eles acabam desenvolvendo uma fúria rankiana de conhecer a história como realmente aconteceu (DARNTON, 1990: 25-26).

O Massacre de Katyn foi o maior segredo guardado pelo Kremlin durante a URSS, mesmo depois do fim da Segunda Guerra Mundial, durante o tribunal de Nuremberg, os Russos não conseguiram culpar os alemães e, quando foram acusados, o tribunal decidiu não mencionar Katyn.

À luz do exposto, pode-se identificar o papel do cinema, tal qual estabelece Marc Ferro:

O filme ajuda assim na constituição de uma contra-história, não oficial, liberada, parcialmente, desses arquivos escritos que muito amiúde nada contêm além da memória conservada por nossas instituições. Desempenhando assim um papel ativo, em contraponto com a História oficial, o filme torna um agente da história pelo fato de contribuir para uma conscientização (FERRO, 1993: 11).

Segundo Marc Ferro:

Controlar o passado ajuda a dominar o presente, a legitimizar tanto as dominações como as rebeldias. Ora, são os poderosos dominantes Estados, Igrejas, partidos políticos ou interesses privados - que possuem e financiam veículos de comunicação e aparelhos de reprodução, livros escolares e histórias em quadrinhos, filmes e programas de televisão. Cada vez mais entregam a cada um e a todos um passado uniforme. E surge a revolta entre aqueles cuja história é "proibida (FERRO, 1983: 306)

O cinema foi, pela primeira vez, considerado como um documento historiográfico pelos historiadores Marc Ferro e Peter Burke. Eles conseguiram conceituar o cinema como um documento e uma fonte de entendimento de uma passagem histórica e social. As linguagens cinematográficas são os meios utilizados para produzir a realidade, visando à transformação do cinema em um agente social (FERRO, 1993).

A importância do lançamento do filme de Wajda trouxe à tona novamente o massacre de Katyn para os poloneses. Apesar de o assunto nunca ter cessado entre seus cidadãos, o filme abrange grande parte da população, especialmente aqueles que não viveram à época dos acontecimentos, trazendo assim um esclarecimento geral sobre o fatídico.

CAPITULO III

A TENTATIVA DE VOLTA AO PODER DE JAROSLAW KACZYNSKI

Para o presente trabalho, é necessário entender a história política por trás de Jaroslaw Kaczynski e a tentativa de voltar ao poder nas eleições presidenciais ocorridas após a morte de seu irmão.

A vida política de Jaroslaw Kaczynski iniciou-se na década de 80, época a qual marca o surgimento do Partido Solidariedade e sua afiliação como membro no Partido. Em 1991, Jaroslaw criou e presidiu o Partido *Porozumienie Centrum (Acordo Central)*, um partido cristão democrata centrista que, em suas propostas, era contra o sistema socialista e comunista.

Entre os anos de 1991 a 1993 foi senador pela província de Elblag e, mais tarde, entre 1997 a 2005, membro do parlamento polonês. No ano de 2001, os irmãos Kaczynski criaram o Partido Lei e Justiça. Partido esse que ainda mantém fortes ligações com a Igreja Católica e movimentos populares.

Em setembro de 2005, foi candidato às eleições para Primeiro-Ministro na Polônia. Mesmo com a vitória de seu Partido nas urnas, ele decide não assumir. Seu temor era que se assumisse o cargo iria prejudicar as eleições presidenciais de outubro, na qual seu irmão estava candidatando. Em seu lugar, assume a função Kazimierz Martinkiewicz.

Os conflitos de interesse entre o Primeiro-Ministro e Jaroslaw Kaczynski geraram tensão e a renúncia do cargo. Lech Kaczynski já eleito Presidente da Polônia escolhe o irmão gêmeo para o cargo em que Governou entre julho de 2006 até as eleições de Primeiro-Ministro, que ocorreram outubro de 2007.

A saga com o irmão resultou na descoberta e na estabilização de diversos comunistas que trabalhavam tanto para o Governo quanto na mídia polonesa. Durante esse tempo, Jaroslaw se vê envolvido em diversos assuntos relacionados à corrupção e sua aprovação diminui drasticamente, fator que acarreta a sua derrota nas eleições daquele ano para Donald Tusk. O Partido Plataforma Cívica, de Donald Tusk, conseguiu 41% dos votos e maioria no parlamento, fazendo dele o novo Primeiro-Ministro polonês.

Com a morte de Lech Kaczynski e, de acordo com a Constituição polonesa, o Presidente do Senado torna-se automaticamente o Presidente em exercício, neste caso, Bronislaw Komorowski. As eleições presidenciais marcadas para 20 de junho de 2010 detinha como candidatos o próprio presidente em exercício e Jaroslaw Kaczynski.

Visando discursos moderados para atrair, principalmente, os votos dos centristas e, usando, principalmente, o fator Katyn, Jaroslaw Kaczynski conseguiu chegar ao segundo turno das eleições, porém, perdeu por menos de 7% dos totais de votos válidos. Bronislaw Komorowski é eleito e em 6 de agosto de 2010 assume o poder.

3.1 Tradução do discurso não Proferido do ex-Presidente Lech Kaczynski⁵

O texto baixo é o discurso que Lech Kaczynski iria proferir no memorial de Katyn durante a cerimônia do septuagésimo aniversário do massacre, destinada primordialmente aos

⁵ Tradução livre a partir do original disponibilizado no sítio eletrônico: http://www.thenews.pl/national/artykul129342_president-kaczynskis-last-speech.html

familiares das vítimas, às autoridades polonesas e às autoridades russas. Esse evento teria grande importância histórica para a nação polonesa, visto que contaria com a presença da mídia de ambos os países e seria transmitido ao vivo pelos meios de comunicação da Polônia.

Prezados representantes das famílias de Katyn. Senhoras e Senhores. Em Abril de 1940, mais de 21.000 prisioneiros políticos dos campos da NKVD foram mortos. O genocídio foi cometido pela vontade de Stalin e pelo comando das maiores autoridades da União Soviética.

A aliança entre a Alemanha e a União Soviética, o pacto Ribbentrop-Molotov e o ataque soviético na Polônia, no dia 17 de setembro de 1939, alcançou o terrível clímax no massacre de Katyn. Não somente na floresta de Katyn, mas também em Tyer, Kcharkiv e conhecidos e desconhecidos lugares de execução de cidadãos da Segunda República da Polônia, pessoas que formaram a fundação de nossa posição de Estado, que determinados serviram nosso país natal, foram mortos.

Ao mesmo tempo, familiares dos mortos e milhares de cidadãos do território do leste da Polônia pré-guerra foram enviados para o exílio na União Soviética, onde os indescritíveis sofrimentos marcaram o caminho do calvário polonês do leste.

A situação mais trágica daquele caminho foi em Katyn. Oficiais poloneses, padres, oficiais, oficiais de polícia e fronteira, guardas e prisioneiros foram mortos sem julgamento ou sentença. Eles foram vítima de uma guerra indescritível. O assassinato deles foi uma violação dos direitos e convenções de um mundo civilizado. Sua dignidade como soldados, poloneses e pessoas foi insultada. Covas com mortos esconderam os corpos dos assassinatos e a verdade sobre o crime para sempre.

O mundo nunca deveria ter encontrado. As famílias das vítimas foram desprovidas do direito de lamentar em público, de orgulhosamente honrar seus parentes. O chão coberto de traços do crime e a mentira deveriam ser apagados das memórias das pessoas.

Uma tentativa de esconder a verdade sobre Katyn – o resultado de uma decisão tomada por aqueles que planejaram o crime – se tornou uma das fundações da política comunista no período pós-guerra: uma mentira fundadora da República Popular da Polônia.

Era um tempo em que as pessoas tiveram de pagar um preço alto por conhecerem e recordarem a verdade sobre Katyn. De qualquer forma, os parentes dos mortos e outras pessoas corajosas mantiveram a memória, defendendo-a e passando para as novas gerações de poloneses. Eles conseguiram preservar a memória de Katyn durante o comunismo e depois espalhá-la nos tempos de uma Polônia livre e independente. Com esse motivo, nós devemos respeito e gratidão a eles, especialmente, às famílias de Katyn. Em nome do Estado Polonês, eu ofereço os sinceros agradecimentos a vocês que, defendendo a memória de seus parentes, conseguiram salvar a identidade polonesa.

Katyn tornou-se um ferimento doloroso na história da Polônia, que contaminou a relação entre poloneses e russos por décadas. Nós, poloneses, agradecemos o que a Rússia fez nos tempos passados. Nós devemos seguir o caminho que aproxime nossas nações, nós não devemos nunca parar ou retroceder.

Todas as circunstâncias do crime de Katyn precisam ser investigadas e reveladas. É importante que a inocência das vítimas seja confirmada oficialmente e que todos os documentos relacionados ao crime sejam abertos para que a mentira sobre Katyn desapareça para sempre. Assim, desejamos, primeiramente, em memória das vítimas e respeito ao sofrimento das famílias. Nós também queremos, em nome dos valores comuns, a fundação da confiança e da parceria entre as nações vizinhas de toda a Europa.

Vamos prestar homenagem aos mortos e rezar sobre seus corpos. Glória aos heróis. Vamos honrar suas memórias!

3.1.2 Análise do discurso de Lech Kaczynski

O discurso objetivaria homenagear as vítimas do massacre e suas famílias, uma vez que estas não puderam sepultar seus entes devido à postura soviética perante o ocorrido. Além disso, percebe-se no discurso a reiteração do pedido de liberação dos documentos secretos soviéticos. Tal evento proporcionaria ao Presidente polonês a chance de dialogar diretamente às autoridades russas. Alguns documentos já tinham sido liberados, entretanto, a sua maioria ainda está em poder do Governo russo, o que prejudica o esclarecimento dos reais motivos do massacre e, por conseguinte, a construção da identidade histórica polonesa. O último objetivo do discurso é manter uma relação amistosa com a Rússia.

Como autoridade máxima, o Presidente da República Popular da Polônia, seria a autoridade ideal para proferir o discurso e agregar valor ao seu conteúdo. A organização lógica do discurso estava apropriada na medida em que exemplos serviram de suporte para as argumentações.

A abertura do discurso inicia-se com as informações sobre o número de prisioneiros poloneses mortos nos campos de extermínio, não somente em Katyn, mas em diversos outros campos construídos pela polícia secreta soviética. O presidente acredita que o pior momento desde as invasões russas e alemãs durante a Segunda Guerra Mundial foi o massacre, visto que grande parte da elite intelectual fora eliminada. O papel dessas pessoas na

Polônia era de suma importância, uma vez que eles eram os principais detentores de conhecimento.

No discurso, pode-se observar o paralelo entre as famílias das vítimas do massacre e milhares de cidadãos poloneses que foram enviados aos campos de trabalho, conhecidos também como *Gulag*, na remota região da Sibéria. Nesses locais, eles foram forçados a trabalhar por longos períodos sem poder manter contato com a sua terra de origem.

A morte desses prisioneiros de guerra ocorreu sem julgamento, o que se traduz como uma violação dos direitos humanos. Ademais, não houve, até o presente momento, por parte da Rússia, nenhuma justificativa para o massacre.

As valas que continham os corpos foram encontradas por tropas alemãs em abril de 1943 e reveladas à população polonesa. Os soviéticos, contanto, negaram a autoria das mortes e acusaram os nazistas de cometerem tal atrocidade. Essa mentira perpetuou-se durante todo o período comunista.

Os poloneses foram proibidos de lembrar e disseminar os fatos a respeito de Katyn até o colapso da União Soviética. Pessoas eram mortas e perseguidas por oficiais soviéticos pela mera tentativa de transmitir a realidade. No discurso, há um agradecimento aos familiares das vítimas por não permitirem que essa lembrança fosse apagada.

Durante o discurso a manutenção das relações existentes entre Polônia e Rússia eram um aspecto importante, sendo possível perceber por meio da postura conservadora do presidente, porém, podemos notar que as relações entre os dois países sempre foram marcadas por embates de ordem política, econômica e social.

Há, também, o pedido de liberação dos documentos secretos para fins de investigação. O presidente roga não somente pela revelação dos fatos, mas também pela memória desses mortos e pelo conforto das famílias .

3.2 Tradução do discurso proferido por Jaroslaw Kaczynski⁶

O presente discurso foi proferido por Jaroslaw Kaczynski, líder do partido da oposição Lei e Justiça e irmão gêmeo do ex-Presidente polonês Lech Kaczynski. A cerimônia ocorreu um ano após a queda do avião que culminou na morte de seu irmão, de autoridades polonesas e de familiares das vítimas do massacre de Katyn. Proferido na noite do dia 10 de abril de 2011, em frente ao Palácio Presidencial, no centro de Varsóvia. Estavam presentes na cerimônia membros e eleitores do Partido Lei e Justiça, admiradores do ex -Presidente e a mídia polonesa. O atual Presidente, Bronislaw Komorowski, e o Primeiro-Ministro polonês, Donald Tusk, prestaram homenagens aos oficiais mortos na Catedral de Varsóvia e não estavam presente na cerimônia organizada pelo Partido opositor.

Caros e Caras, peço-lhes um momento de silêncio e reflexão. Gostaria de dizer algumas palavras sobre o dia de hoje. Sobre a forma como devemos agir, sobre aquilo a que devemos aspirar. Aqui, senhores, quando os olhos, com toda certeza, sei: aqueles que quiseram matar a memória perderam. Perderam, senhores. Não conseguiram. Não conseguiram, pois lembramos. Lembramos e continuaremos lembrando. E lembramos porque respeitamos aqueles que morreram, porque respeitamos o povo polonês, respeitamos a nós mesmos.

Lembramos, repito, porque apenas aqueles que não respeitam a Polônia, os mortos e a si mesmos é que não conseguem lembrar. E aqueles que não respeitam a si mesmos não são respeitados pelos outros. E, cada dia, principalmente nestes últimos dias, trazem-nos as provas de que isto é verdade, de que quem não se respeita, não é respeitado pelos outros.

A questão da placa, que à noite foi secretamente alterada, é uma grande prova do desrespeito. Mas, repito: aquele que não respeita a si mesmo, que não consegue cumprir com as obrigações elementares que pesam em cada um, aquele que exerce os ofícios, este tampouco é respeitado pelos outros. E temos estas provas. Em algum momento foi ardilosamente roubada a placa. À noite, outros sorrateiramente retiraram a placa e a mudaram. Existem, entre estes, dois fatos, aparentemente, distantes no tempo e no espaço e sem conexão, um laço claro. Devemos lembrar disso. Devemos lembrar de nunca deixarmos convencer por aqueles que não respeitam a Polônia, que não nos respeitam, que não se respeitam, e não devemos permitir que falem por nós nem por nosso país. Eles não têm este direito.

⁶ Tradução livre a partir do original disponibilizado no sítio eletrônico: <http://www.pis.org.pl/article.php?id=18629>.

Os poloneses bem sabem o que aconteceu há 71 anos em Katyn, Kharkiv, Miedien e Twerz. Perfeitamente sabemos. E bem sabem o que aconteceu em Smolensk. Sabemos e presumimos por que aconteceu. Mas também sabemos o que aconteceu aqui, em frente ao palácio. O que aconteceu na Polônia inteira. Sabemos, lembramos que o povo, a melhor parte do povo, uniu-se então. Lembramos o quanto passamos por esta unidade, quanta força nos foi sugada de nossa unidade. Ela foi para nós um grande auxílio num momento tenso, foi um apoio, uma esperança para o futuro. Porém, existem aqueles que foram assustados por esta unidade. Existem os que ela assustou. Deixemo-nos com seu medo, com seus limites que não os permitem alcançar-nos neste palácio. Deixemo-nos com sua convicção – a qual não se sabe de onde absorvem – de que são melhores. Deixemo-nos com sua descrença na Polônia.

Hoje, um ano após aquela terrível tragédia, perguntamos sobre aqueles que morreram. Perguntamos se deixaram um testamento. Sim, deixaram. E também deixou um testamento o presidente da República Polonesa. E no cerne de toda a sua carreira encontrava-se uma profunda crença na Polônia, em seu futuro, em seu orgulho da Polônia. Ele disse: vale a pena ser polonês, vale a pena que a Polônia resista, vale a pena que a Polônia desponte, enfim, como uma elite limpa, sem conexão com aqueles tempos. Uma elite patriótica, uma elite preparada para trabalhar pela pátria em cada lugar, em cada situação, pronta para se defender em cada fórum.

Esta era uma crença profunda e direcionada ao futuro. Lembremo-nos disso hoje. Lembremo-nos de que viemos aqui para celebrar o que aconteceu no passado, mas também pelo que virá no futuro. O passado, a lembrança é importante, muito importante. Não se pode construir uma casa na areia sem se lembrar do alicerce. Uma casa deve ser construída sobre um alicerce – assim ensina o Evangelho. Todavia, esta casa deve ser sólida, deve ser forte e deve ser nossa! Uma Polônia livre, mas que Polônia? Que Polônia será esta casa sólida, forte, nossa casa?

Primeiramente, deve ser uma Polônia justa. Uma Polônia gentil, gentil para seus cidadãos. Deve voltar-se para os mais oprimidos, para os que estão mal. Deve estender-lhes a mão. Deve ser uma Polônia regida pelas leis, deve ser uma Polônia onde as cortes decidam de acordo com o direito, sem se preocupar com quem se apresenta à justiça: se forte, se fraco, se um milionário, se um sujeito humilde. Cortes que não ousarão chamar o branco de negro, mentir a olho nu, cortes onde a verdade será inegável.

Deve ser uma Polônia onde todos que trabalham para o país e que chamamos de ‘aparato estatal’, que sirva aos cidadãos, a nós! Independentemente se são policiais, funcionários públicos, professores. Independentemente de qual função concreta executem, porque, afinal, esse aparato existe para isso! Existe para servir ao cidadão comum. Para servir aos poloneses! Para servir ao nosso presente e ao nosso futuro.

Porque, no fim, senhores, a Polônia deve ter uma política externa corajosa e decidida. Política defensora dos interesses poloneses. Pode-se comparar a um navio, o qual possui propulsão e leme, mas em nenhum momento pode ser este navio um pedaço de madeira sem propulsão, sem leme, o qual navega na corrente principal [em PT-BT: que se dança conforme a dança], como se diz ultimamente, como se diz ultimamente, mas sem saber aonde esta corrente nos leva!

E isto deve ser a Polônia, onde nossos pais, cidadãos, todos, principalmente, os jovens, estes que hoje são alvo do desemprego, tenham chance. É

necessário destruir todas as barreiras criadas por leis ruins, por máfias, , pela corrupção. Apenas quando isso acontecer surgirá a Polônia.

Este grande capital que acumulamos – em nossos sentidos e corações nos últimos 20 anos, que acumulamos graças à população, à família, este capital deve ser aproveitado. Ele pode explodir, empurrar a Polônia para frente em uma grande velocidade, mas nossa ordem pública, nossa ordem econômica deve ser outra. Deve ser alterada.

Lech Kaczynski, meu falecido irmão e Presidente da República, sonhou com uma Polônia assim. Ele sonhou e trabalhou por isso – como ativista no movimento da Solidariedade, como chefe da Suprema Câmara de Controle, como Ministro da Justiça, como Prefeito da cidade de Varsóvia e , por último, como Presidente da República. Ele lutou por isso e este pode ser o motivo por não estar mais entre nós. Mas seu desejo é, tenho certeza, que ainda é atual, por uma Polônia em que nós temos de lutar, todos os dias – não somente hoje, em um lindo, grande e glamoroso dia.

E nós temos de lembrar, lembrar ativamente, daqueles, que solicitavam bom destino à pátria, para que sejam honrados, sem rodeios capciosos, sem dublês e pequenos truques, sem essa miséria, que vemos nessas pessoas que não querem comemorar e honrar às pessoas mortas e, especialmente, ao falecido Presidente.

Eu agradeço a todos vocês, e que vocês se lembrem que se um dia queremos ver monumentos das pessoas falecidas, porque todas elas são importantes, se queremos ver monumentos de Lech Kaczynski e, especialmente, se quisermos ver uma Polônia justa, não isso, que perpetua o alcance rápido de dinheiro vindo dos bolsos dos outros, se somente tiver alguma coisa de errado com a economia, se quisermos ver a solidariedade por toda a Polônia, se quisermos uma Polônia, na qual milhões de pessoas lutaram nos anos 80, então, nós temos de lembrar desses dias que ocorreram a seis anos, quando muito de nós estávamos sonhando com isso, com isso.

Nós temos de lembrar disso porque mesmo depois que nós não conseguimos manejar, nós temos de manejar. Nós temos de mudar a Polônia. Nós temos de mudar a Polônia em nome dos nossos interesses, em nome dos interesses da nossa nação, em nome dos interesses de todos, em nome das gerações futuras. Isso não pode ficar assim.

Isso não pode ser assim, mas eu acredito profundamente, que um tempo virá, quando iremos colocar guirlandas, flores, acender velas até construirmos monumentos e depois vamos recordar esse dia horrível, 10 de abril de 2010, como um dia trágico, um evento muito trágico, mas também será o dia em que o povo polonês irá despertar. Hoje, meus queridos, eu acredito nesse despertar mais do que acreditava ontem. Eu tenho certeza de que a Polônia irá acordar, e nós teremos uma nova e melhor Polônia.

3.2.1 Análise do discurso de Jaroslaw Kacyznski

O discurso visava acusar os russos e o atual Governo polonês de serem cúmplices em diversas ações. A primeira é apagar as memórias relacionadas ao massacre de Katyn. A

segunda ação é a retirada da placa original localizada no ponto do acidente. A terceira e mais relevante é a acusação de que os russos e o Governo polonês conspiraram para a queda do avião presidencial. O objetivo principal era lançar, informalmente, sua candidatura para Primeiro-Ministro nas eleições de outubro de 2011 na Polônia.

Analisando o discurso, podem-se notar, em vários trechos, as acusações que Jaroslaw Kaczynski profere não somente contra a Rússia, mas também contra o atual Governo do Presidente Bronislaw Komorowski e do Primeiro-Ministro Donald Tusk. Ele os acusa de apagar as memórias não somente do acidente de avião, como as referentes às conquistas do seu irmão no Governo. Na percepção de Kaczynski, o fato do atual Governo ainda não ter construído memoriais dentro da Polônia justifica este fato.

A retirada e a modificação da placa em homenagem às vítimas do acidente, que foi colocada pelos familiares das vítimas, é exposta por Kaczynski como um ato que demonstra que a Rússia não respeitou os sentimentos poloneses e que o atual Governo não fez nada para impedir a retirada. Um ato que, para ele, prova novamente que a Rússia dá mais um passo para a omissão de informações na tentativa de encobrir seus crimes.

A placa removida possuía os seguintes dizeres: “Em memória dos 96 poloneses, liderados pelo Presidente Lech Kaczynski, que morreram em um acidente da avião perto de Smolensk, a caminho da cerimônia de comemoração do 70º aniversário do genocídio soviético, na floresta de Katyn , que vitimou os prisioneiros de guerra e oficiais do Exército Polonês em 1940”. A nova placa contém os seguintes dizeres: “Em memória dos 96 poloneses, liderados pelo Presidente Lech Kaczynski, que faleceram na queda do avião perto de Smolensk em 10 de abril de 2010.”

Em seu discurso, Kaczynski acusa ainda o Governo russo, principalmente, Vladimir Putin, e o Governo atual de terem se unido para derrubar o avião presidencial e forjar

respostas sobre a verdadeira causa do acidente. Para Kaczynski, a posição do Governo polonês foi de traição à nação e a todos os poloneses.

O discurso de Kaczynski roga por mudanças, ponto chave para o foco de sua campanha política. Esse discurso pode ser considerado o início de sua campanha como Primeiro-Ministro, visto que, ao mesmo tempo em que acusa e difama o atual Governo, ele propõe mudanças em várias esferas governamentais. Seu possível concorrente é o atual Primeiro-Ministro Donald Tusk.

As principais mudanças que Kaczynski clama são pelas questões econômicas, de ordem pública e pela ausência de corrupção. Ele, porém, nunca se refere às conquistas de quando foi Primeiro-Ministro da Polônia, entre 2006-2007, época em que foi acusado de corrupção e sua popularidade caiu drasticamente.

Ele propõe também mudanças para ajudar principalmente os necessitados e os jovens. O maior eleitorado de Kaczynski vem dos católicos mais fervorosos, idosos e da comunidade rural. Kaczynski tenta, com esse discurso, atrair também os votos dos jovens propondo mudanças para aumento de emprego.

Todas as comparações que Jaroslaw prega são relacionadas à era de quando seu irmão era presidente, pregando oportunamente as conquistas do irmão morto, que foi alçado herói pelos próprios poloneses com a ajuda dele, para tentar subir ao poder.

CONCLUSÃO

Pode-se perceber ao longo deste trabalho os principais momentos da história polonesa deste seu ressurgimento em 1918 até os dias atuais. Para os poloneses o massacre de Katyn foi o pior momento ao longo dos anos, já que perpetuou oculto durante várias décadas até a liberação de documentos oficiais feitas por Gorbachev.

O filme de Andrzej Wajda conseguiu difundir para toda a população os fatos ocorridos no massacre de Katyn. A população jovem, por exemplo, somente obteve contato aprofundado com o tema por testemunhos, assim, o filme foi substancial ao apresentar de maneira sistematizada a versão polonesa dos acontecimentos. O filme conseguiu, ademais, despertar o sentimento nacional pela memória de Katyn, mostrando que o passado estará sempre presente na vida de todos os cidadãos.

A massacre havia sido utilizado em diferentes ocasiões desde sua descoberta. Os alemães foram os primeiros a utilizar o sentimento de Katyn em 1943 visando o afastamento entre poloneses e russos. Os soviéticos também utilizaram o sentimento, em 1945, acusando os alemães do massacre, persuadindo os poloneses a mantêrem as relações visando facilitar o domínio comunista.

O acidente de avião a caminho da cerimônia de aniversário de Katyn, que vitimou Lech Kaczynski e diversas oficiais teve um grande impacto na Polônia, uma vez que novamente a Polônia perdeu grande parte de suas principais autoridades. Nesta cerimônia seria proferido o discurso de Lech analisado neste trabalho, momento em que por meio da reiteração do pedido de liberação dos documentos secretos acerca de Katyn, ele conseguiria ao mesmo tempo destacar o assunto ao cenário internacional.

A morte de Lech Kaczynski e a derrota nas eleições presidenciais não deteve Jaroslaw de conseguir seu maior desejo: retornar ao poder. A partir da análise do discurso proferido um ano após a morte de seu irmão, Kaczynski agora além de utilizador do fator Katyn, também usa exemplos do legado do seu irmão e ataca diretamente o atual Governo, tentando atrair votos agora não somente dos jovens, mas de todos que estão insatisfeitos com o atual Governo.

O ataque aos russos juntamente com o ataque ao atual governo polones subsidiou seus argumentos ao tentar manipular a população, mostrando que os russos foram sempre inimigos da nação polonesa e a única forma de se libertarem deste ciclo de opressão seria a sua eleição.

As relações entre Polônia e Rússia durante a história dos dois países sempre foram cheias de altos e baixos. Apesar do discurso confuso de Jaroslaw Kaczynski culpando os Russos e o atual governo polonês pelo desastre, a tendência é que a relação entre os dois países comece em um novo patamar.

O atual governo já demonstrou diversas novas iniciativas e cooperações com a Rússia, tanto na área econômica como também tecnológica. Caso Donald Tusk consiga ganhar as eleições de primeiro ministro em setembro de 2011, a Polônia, pela primeira vez, caminhará sob uma política liberal.

Desta forma, pode-se perceber a dimensão do massacre de Katyn no decorrer da memória histórica polonesa e sua importância em relação ao futuro político do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIES, Norman. *Heart of Europe: The Past in Poland's Present*. United States of America: Oxford University Press, 2001.

DARNTON, Robert. *O beijo de lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e Guerra, 1993.

FERRO, MARC. *A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação*. São Paulo: Editora Ibrasa, 1983.

IRVING, DAVID. *Nuremberg: the last battle*. London: Focal point publications, 1996.

KEMP-WELCH, A. *Poland Under Communism: A Cold War History*. England: Cambridge University Press, 2008.

LESLIE, R. F.; POLONSKY, ANTONY; , CIECHANOWSKI, JAN M., *et ali*. *The History of Poland since 1863 - Soviet and East European Studies*. London: Cambridge University Press. 1980.

PACZKOWSKI, Andrzej. *The Spring Will Be Ours Poland and the Poles from Occupation to Freedom*. United States of America: The Pennsylvania State University Press, University Park, 2003.

SANFORD, George. *Katyn and the Soviet Massacre of 1940: Truth, Justice and Memory*. England: Routledge Series on Russian and East European Studies, 2005.

STACHURA, PETER D. *Poland, 1918-1945: An interpretive and documentary history of the Second Republic*. London-New York: Routledge, 2004.

WAJDA, Andrzej. *Katyn*. [Filme-DVD]. 2007.

ANEXO 1

Proclamation of the Grand Duke Nicholas (1856–1929), commander-in-chief of the Russian Army, 14 August 1914:

Poles! The time has come when the dream of your fathers and forefathers will at last be realised. A century and a half ago, the living body of Poland was torn into pieces, but her soul has not perished. She lives in the hope that the time will come for the resurrection of the Polish nation and its fraternal union with all Russia. The Russian armies bring you glad tidings of this union. May the barriers which have divided the Polish people be united under the sceptre of the Russian emperor. Under this sceptre, Poland will come together, free in faith, in language, and in selfgovernment. From you Russia expects an equal consideration of the rights of those nations with which history has linked you. With open heart and with hand fraternally outstretched, great Russia comes to you . . . The morning star of a new life is rising for Poland. Source: J. Holzer and J. Molenda, *Polska w Pierwszej Wojnie Światowej* (Warsaw: Wiedza Powszechna, 1963), pp. 48ff.

ANEXO 2

**Assinatura do Pacto
Belga/Farabola/Leemage**

Molotov-Ribbentrop,

23/08/1939

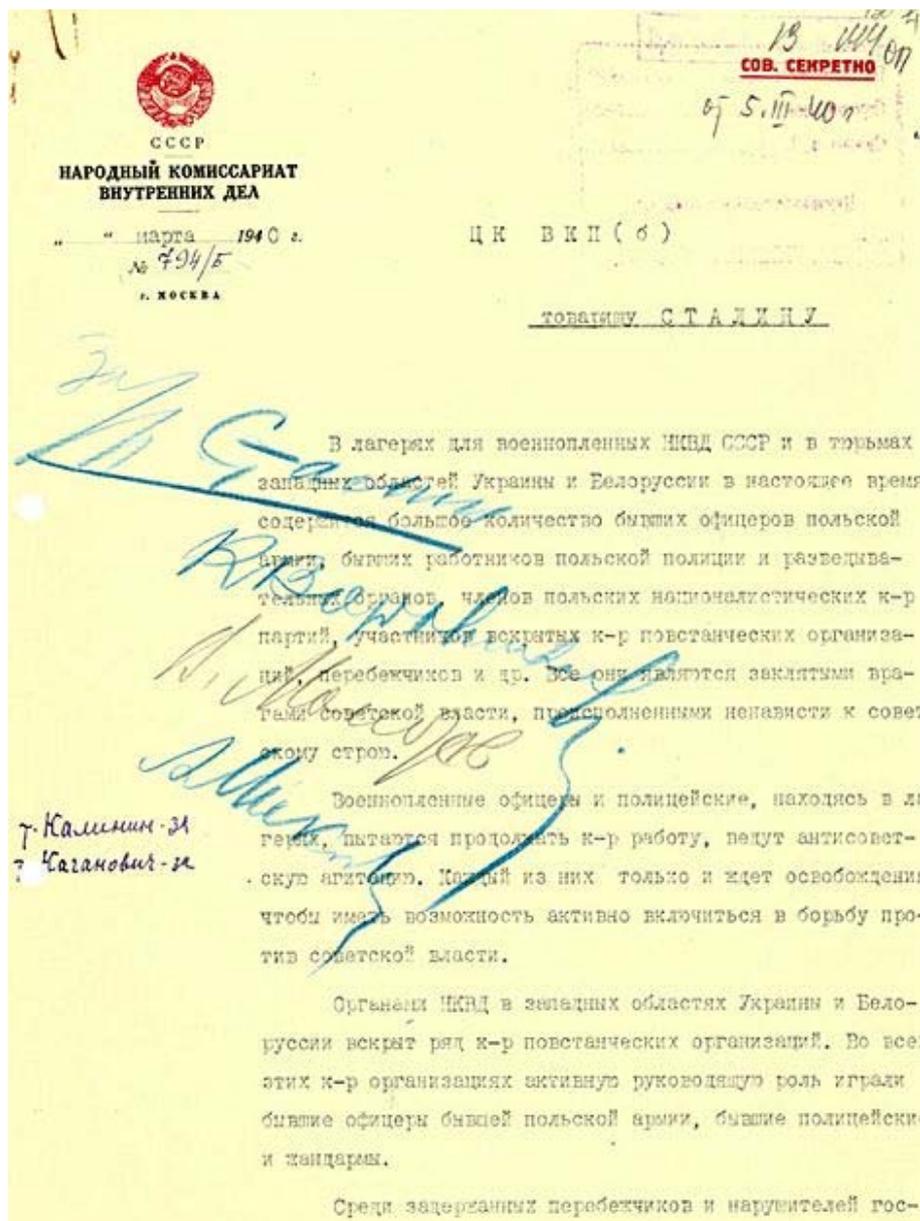
©



<http://katyn.org.au/naziphotos.html> acessado em 03/04/2010

ANEXO 3

Autorização de Stalin para o massacre



<http://katyn.org.au/naziphotos.html> acessado em 03/04/2010

ANEXO 4

Fotos tiradas pelas tropas alemãs em 1943 após a descoberta das valas.



Bild 6. Der Blick in eine der Massengräber



<http://katyn.org.au/naziphotos.html> acessado em 03/04/2010



1-28. Die Leichen der ermordeten Soldaten im Katynwald

<http://katyn.org.au/naziphotos.html> acessado em 03/04/2010